



VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG  
V Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



**DERMATOFITOSE FELINA: relato de caso**

Adriana Demathé<sup>a</sup>, Valentina Marcon<sup>a</sup>, Cláudia Lautert<sup>a\*</sup>

a) Curso de Medicina Veterinária. Faculdade da Serra Gaúcha – FSG.

\*Autor correspondente (Orientador)

Cláudia Lautert,

Endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS

- CEP: 95020-472

**Palavras-chave:**

Dermatofitose. Felino. Zoonose.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:** Dermatofitoses são as patologias mais frequentes que afetam a pele de animais de estimação. O alto contágio entre animais, a possibilidade de ser transmitida ao homem, além do custo de tratamento e dificuldade de controle da patologia as tornam relevantes para Saúde Pública (CHERMETTE et al., 2008). Na espécie felina, o *Microsporum canis* é o fungo mais comumente encontrado (MORIELLO & NEWBURI, 2014) e estima-se que existam cerca de 30 a 80% de portadores assintomáticos, sendo estes considerados os principais transmissores da doença para os seres humanos (CASTRO ET AL., 2016). Além da contaminação por contato direta, a contaminação pelos esporos do agente pode ocorrer através do contato com mantas contaminadas, brinquedos, escovas, jalecos ou até mesmo parasitas externos. A doença é mais comum em gatos jovens, com menos de um ano de idade, e de pelo longo (RAMADINHA et al., 2010). A transmissão de dermatofitoses depende da quantidade de material infeccioso, frequência da exposição, saúde geral do felino e estresse fisiológico (MORIELLO, 2014). Clinicamente manifesta-se por alopecia, eritema e lesões crostosas com descamação da pele, podendo ou não haver prurido (BALDA et al., 2004; MORIELLO, 2014). O diagnóstico da dermatofitose é baseado na utilização da lâmpada de Wood, no tricograma, na realização da cultura fúngica para identificação da espécie de dermatófito ou através do exame histopatológico, no qual se visualiza a invasão do folículo piloso ou da ceratina pelo fungo (CHERMETTE et al., 2008; RAMADINHA, 2010). **RELATO DE CASO:** Um felino, fêmea, persa, 4 meses de idade, pesando 550 gramas, foi atendida em clínica veterinária do município de Caxias do Sul. De acordo com o proprietário o animal foi adotado /recebido de um criador pois “não se desenvolveu como os irmãos “ – SIC. O animal não havia sido vacinado e nem desvermifugado e havia recebido 2 banhos com clorexidina com intervalo de 1 semana entre eles. Ao exame físico foi observado que o animal apresentava por todo corpo áreas de

alopecia, eritema e descamação, estava ativo, ausência de ectoparasitas, normohidratado, mucosas normocoradas, linfonodos não palpáveis e temperatura retal de 38,8°C. O animal foi examinado sob luz fluorescente (Lâmpada de Wood) em sala escura ficando evidenciadas lesões fluorescentes dispersas pelo dorso, focinho, orelhas e membros anteriores e posteriores do felino. A tutora também apresentava lesões eritematosas circulares, com descamação e prurido em braço esquerdo, cuja fluorescência foi positiva em lâmpada de Wood. Foram solicitados hemograma completo, TGP, Creatinina, e FIV/FELV. Para as lesões do felino foi prescrita aplicação de shampoo com cetoconazol (3 banhos por semana com permanência do produto por 10 minutos) durante 8 semanas e itraconazol 2 mg, b.i.d por 14 dias. Foi sugerido que o tutor consultasse dermatologista. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Na consulta de retorno após 30 dias observou-se que as áreas alopécicas e o prurido haviam reduzido significativamente e na reconsulta após 60 dias a remissão estava completa. No estudo de PALUMBO et al. (2010), a média de idade dos felinos acometidos foi de 2 meses, os autores afirmam que a dermatofitose acomete principalmente animais jovens, possivelmente devido à imaturidade do sistema imunológico. Normalmente, causam lesões crostosas, alopécicas, generalizadas ou localizadas comumente na porção cervical (BALDA et al. 2004) lesões semelhantes foram visualizadas neste caso relatado. A terapia empregada para dermatofitose baseou-se na terapia tópica com cetoconazol associada a terapia sistêmica com uso de itraconazol. O uso do itraconazol foi considerado o mais efetivo e seguro de acordo com consenso para tratamento de dermatofitoses (MORIELLO et al., 2017). Os xampus à base de cetoconazol podem ser utilizados em todo o corpo, indicados em lesões multifocais e generalizadas (RAMADINHA et al., 2010). Pode-se associar ainda a composição clorexidina que é efetiva contra dermatófitos (CASTRO et al., 2016). Estudo realizado com 1.283 pacientes em Porto Alegre-RS mostrou que destes somente 15 (1,2%) tiveram Tinea corporis relacionada ao *Microsporun canis* (AQUINO et al., 2007). Já na região de Caxias do Sul PAGANELLA et al., (2003) em um estudo retrospectivo de 15 anos (n=132) de pacientes que realizaram exames micológicos e apresentaram resultado positivo para *Microsporun canis*, encontraram predominância em crianças (2 a 12 anos), sexo masculino e a maioria das lesões eram localizadas em couro cabeludo. Diferente da tutora do felino deste caso, mulher, 49 anos, com lesões em pele glabra. **CONCLUSÕES:** A associação de cetoconazol tópico associado ao itraconazol sistêmico mostrou-se eficaz para o tratamento do filhote felino. O fato do tutor ter sido contaminado mostra que são necessários cuidados redobrados ao manipular animais que apresentem dermatofitose.

---

**REFERÊNCIAS:**

AQUINO, V. R.; CONSTANTE C. C.; BAKOS, L. Frequency of dermatophytosis in mycological examinations at a general hospital in Porto Alegre, Brazil. **An Bras Dermatol.**, v.2, p.239-44, 2007.

BALDA, A. C.; LARSSON, C. E.; OTSUKA, M.; GAMBALE, W. Estudo retrospectivo de casuística das dermatofitose em cães e gatos atendidos no Serviço de Dermatologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 32, p. 133-140, 2004.

CASTRO, L. S. O.; MOURÃO, G. C.; SILVA, T. F. P.; SILVA, L. D. M.; COSTA, P. P. C. Dermatofitose em gato: Relato de caso. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v.10, n.3, p. 484 – 493, 2016.

CHERMETTE, R.; FERREIRO, L.; GUILLOT, J. Dermatophytoses in animals. **Mycopathologia**, v. 166, p. 385-405, 2008.

MORIELLO, K. Feline dermatophytosis: aspects pertinent to disease management in single and multiple cat situations. **Journal of feline medicine and surgery**, v.16, p. 419–431, 2014.

MORIELLO, K. A.; COYNER, K.; PATERSON, S.; MIGNON, B. Diagnosis and treatment of dermatophytosis in dogs and cats.: Clinical Consensus Guidelines of the World Association for Veterinary Dermatology. **Vet Dermatol**, v. 28, p. 266–e68, 2017.

PAGANELLA, M. P.; SANTOS, I.; SOLIGO, D. S.; MOLON, C. R.; ZOPPAS, B. C. A. Estudo epidemiológico das dermatofitoses por *Microsporum Canis* em Caxias do Sul – RS. In: Salão de iniciação Científica da UFRGS, nº 15, pg. 688, 2003, Porto Alegre, RS. Disponível em:[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/75194/Resumo\\_20030843.pdf?sequence=1](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/75194/Resumo_20030843.pdf?sequence=1)

PALUMBO, M.I.S.; MACHADO, L.H.A.; PAES, A.C.; MANGIA, S.H.; MOTTA, R.G. Estudo epidemiológico das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no serviço de dermatologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP – Botucatu, **Semina: Ciências Agrárias**, v. 31, n. 2, p. 459-468, 2010.

RAMADINHA, R.R.; REIS, R.K.; CAMPOS, S.G.; RIBEIRO, S.S.; PEIXOTO, P.V. Lufenuron no tratamento da dermatofitose em gatos? **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.30, n.2, p. 132-138, 2010.